

*ORIGEM DAS LETRAS, DE ANTENOR NASCENTES:
UMA REESCRITURA*

Claudio Cezar Henriques
UERJ

Verum orthographia quoque consuetudini
servit, ideoque saepe mutata est.
Quintiliano – Livro I, cap. VII, § 11.

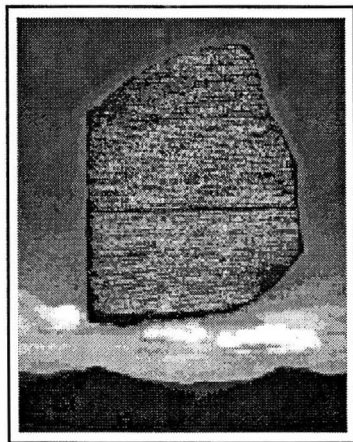
Esclarecimento

Publicado primeiramente na Separata da Revista “ALFA”, Marília, n.º 5, mar. 1964, p. 111-20, o artigo “Origem das Letras”, de Antenor Nascentes (1886-1972), foi incluído em coletânea organizada por Raimundo Barbadinho Neto e Joram Pinto de Lima, número especial da coleção Cadernos Avulsos da Biblioteca do Professor (Colégio Pedro II, 1990).

Trabalho filológico de altíssimo valor, fora do alcance da maioria de nossos estudantes dos cursos de Letras, recupero-o neste texto especialmente preparado para este número da *Revista Confluência* com a advertência de que se trata de uma modesta contribuição de reescritura do original – com todos os riscos que corre quem se aventura a fazê-lo. Por conseguinte, é preciso esclarecer de antemão que, primeiro, a essência do conteúdo primitivo foi preservada e que, segundo, as inclusões efetuadas situam-se nos campos da referência bibliográfica e da organização textual, sobretudo com base em esclarecimentos que julgo relevantes para o público leitor contemporâneo.

Origens

As línguas humanas surgiram há cerca de cem mil anos, provavelmente na região leste da Ásia – esta é a opinião predominante nos dias de hoje. A escrita, por sua vez, surgiu há “apenas” cinco mil anos com os sumerianos, habitantes do sul da Mesopotâmia, que usavam a representação cuneiforme. Os hieróglifos egípcios datam da mesma época (cerca de 3000 a.C.), mas só puderam ser decifrados a partir da descoberta, em 1799, da Pedra Roseta (uma



Pedra Roseta: 216 a.C.

pedra negra de basalto encontrada em Roseta, cidade no Egito), que continha inscrições paralelas em grego e em caracteres hieroglíficos egípcios¹.

Esses primitivos sistemas de escrita partiam de um princípio pictográfico e ideográfico, ainda utilizado nos dias de hoje pelos chineses, pelos japoneses e pelos povos indígenas norte-americanos. Dos quatro sistemas ideográficos, o chinês, o cuneiforme assírio, o hitita e o egípcio, este é o único que nos interessa. Sua escrita era uma mistura de símbolos de três tipos: caracteres figurativos, cópia direta dos objetos (pictogramas); caracteres simbólicos, que exprimiam por vários processos as idéias

abstratas (logogramas ou ideogramas); e caracteres fonéticos, que tinham um valor silábico ou alfabético (fonogramas). Em outros termos, a escrita era baseada em elementos que não lhe davam independência em relação à linguagem falada. Só mais tarde surgiria um sistema que levasse em conta unicamente a linguagem, isto é, que lembrasse ao ouvido os sons significativos das palavras, tomando em geral o som inicial da palavra representada pelo pictograma ou ideograma. Daí se chegou ao alfabetismo e, depois, à decomposição da sílaba em letras, com a representação separada de cada som. Assim, por exemplo, o pictograma semita *taw*, que significava “cruz” e servia como marcador de propriedade, passou a simbolizar o som inicial T de *taw*.

Foram os fenícios, povo comerciante e navegador, freqüentadores do mercado egípcio, que tiveram o mérito de criar, mil anos antes de Cristo, um verdadeiro alfabeto. Do sistema egípcio tiraram eles suas letras. O alfabeto fenício tinha vinte e duas letras, consoantes e semiconsoantes. As consoantes fenícias representavam o esqueleto das palavras, de modo que, para se ler, precisava-se conhecer o sentido da frase. É como se, em português, tivéssemos, por exemplo, a palavra *prc*, que tanto valesse para *porco* como para *perco* ou *parco*. Os nomes destas letras são conhecidos através do hebraico, pois do fenício restam muito poucos vestígios vocabulares: alef, beth, gimel, daleth, hê, vaw, zayin, heth, tet, iod, kaph, lamed, mem, nun, samec, aim, pe, tsade,

1 As inscrições da Pedra Roseta contêm a correspondência entre o grego e a escrita demótica dos egípcios, de uso comum, a qual vinha a ser uma simplificação da escrita hierática, usada em papiros, que por sua vez era mais livre que a escrita hieroglífica.

cof, resh, xine e taw. Aplicando-se este alfabeto a um dos mais antigos registros fenícios, as inscrições no sarcófago do rei Ahira de Biblos, obtém-se a seguinte e assustadora mensagem: “Cuidado! Um desastre espera por você aqui.”

Os nomes das letras, a forma e a ordem ainda têm muito do original. Do alfabeto fenício saiu o grego. Supõe-se que essa transposição tenha ocorrido no século IX a.C., mas há dúvidas a respeito. A tradição atribui ao fenício Cadmo, que veio estabelecer-se na Beócia, a introdução do alfabeto fenício na Grécia. Heródoto afirma ter visto em Tebas inscrições com letras cadméias, num total de dezesseis, semelhantes às do alfabeto jônico.

Coube aos gregos a idéia de representar as vogais. Para isso, tomaram seis letras fenícias que não representavam som algum em grego. Ao *alef* deram o valor de “alfa”; ao *hê*, o do “epsilon”, ao *vaw*, o do “ypsilon”; ao *iod*, o do “iota”, ao *aim*, o do “ômicron”. O *heth*, que marcava o espírito forte, passou a representar o “eta” e de uma modificação do ômicron saiu o “ômega”. Ainda de letras disponíveis saíram o “teta”, do fenício *tet*, o “ksi”, do *samec*, as formas primitivas do “sigma”, mais tarde reduzidas a uma, do *tsade* e do *xine*.

Criou-se assim um alfabeto de vinte e uma letras com a fusão do *tsade* e do *xine*: alfa, beta, gama, delta, epsilon, digama, dzeta, eta, teta, iota, capa, lambda, my, ny, ksi, ômicron, pi, copa, ro, sigma, tau. Deste alfabeto surgiram variantes, sendo as principais o jônico, de leste, e o calcídico, de oeste. Mais tarde juntaram-se as letras “ípsilon” (tirada do *vaw* fenício) “fi”, “chi”, “psi” e “ômega”.

O alfabeto latino, donde vem o nosso, provém do calcídico, levado pelos colonos gregos de Cálcis, fundadores de Cumas, ao sul da Itália. O alfabeto calcídico distinguia-se do jônico por vários traços. Manteve o *digama*, conservou o *eta* como sinal de aspiração, alterou a forma do *lambda*, dando-lhe a de L, suprimiu o *ksi*, conservou o *copa*, deu ao X o valor de *ksi* e ao *psi* o de *kh*. A sexta letra, o *digama*, passou a representar o F latino. A sétima representou algum tempo o S sonoro intervocálico, desaparecendo quando o rotacismo² a tornou inútil. A nona desapareceu por inútil, não havendo T aspirado em latim. O *ípsilon* passou a representar o U. No fim, ficou o X, que Quintiliano chamou *nostrarum ultima*³.

A terceira letra, o C, tinha o valor do *gama* calcídico (G). Quando passou ao valor do K, dele se tirou para o valor de G, por meio de um traço

2 Mudança da sibilante sonora /z/ em /r/, fenômeno fonético ocorrido no latim arcaico: ex.: corpus > corporis – corporis, no latim arcaico. Por extensão, o termo designa a transformação em /r/ de outras consoantes, como /d/ e /l/.

3 Livro I, cap. IV, § 9.

diacrítico, outra letra, que tomou o sétimo lugar, no tempo do censor Appius Claudius Caecus. Na coluna rostral de Duílio lê-se MACISTRATOS por MAGISTRATOS. Conservou, porém, o valor primitivo em abreviaturas: C. (CAIUS), CN. (GNAEUS), etc. Tornado inútil por ter sido dado ao C o seu valor, o K subsistiu como inicial de certos nomes (kaeso, kalendae, kalo, etc.).

Depois do ano 100 a.C., quando palavras gregas passaram a ter uso frequente em latim, juntaram-se ao alfabeto o Y e o Z. No alfabeto latino o I valia tanto para a vogal I como para a semiconsoante I; o V, tanto para o U vogal como para o U semiconsoante.

Do alfabeto latino saiu o nosso, nas maiúsculas. As minúsculas são uma inovação relativamente recente. Durante a Idade Média, desenvolveu-se uma forma de escrita livresca chamada uncial, caracterizada pelo arredondamento de várias letras maiúsculas e pela coexistência com letras menores, cursivas, usadas na escrita cotidiana. Com a introdução da imprensa, dois tipos de letras foram implantados: as maiúsculas, que imitavam os antigos caracteres latinos, e as minúsculas, que preservavam a tradição da escrita cursiva medieval.

A maioria das línguas faladas no mundo de hoje adota o princípio alfabético, empregando geralmente de vinte a trinta símbolos básicos. O menor alfabeto em vigor, que tem 11 letras, é o da língua rotoca⁴, falada nas Ilhas Salomão (região sudoeste do Pacífico); o maior, que tem 74 letras, é o do cmer, língua usada na Campuchéia (antigo Cambodja), Ásia.

Cada letra de per si

A

Esta vogal tem o valor de soletração que os romanos davam à primeira letra do alfabeto calcídico. Inicial de *alfa*, que vem do fenício *alef*, em hebraico *alef*, boi, cabeça de boi.

A figura fenícia foi virada, pois as pontas eram para cima, um pouco à direita, e ao arredondado da cabeça se deu a forma de um triângulo. No alfabeto fenício era o sinal do espírito forte, o qual os gregos aproveitaram para a vogal A.

B

O nome vem do valor de soletração que os romanos davam à segunda letra do seu alfabeto, correspondente à segunda letra do alfabeto calcídico. É o

4 Rotoca é a língua papua dos habitantes da ilha de Bougainville (Ilhas Salomão, Papua Nova Guiné). Todas as palavras do rotoca são construídas a partir das distinções existentes entre 11 fonemas, 5 vogais (a, e, i, o, u) e 6 consoantes (b, g, k, p, r, t).

primeiro som do *beta*, que vem do fenício *beth*, em hebraico *beth*, casa. A forma é a mesma do alfabeto calcídico.

Os nomes das consoantes latinas se formavam agregando um E, que nas oclusivas se pospunha (bê, dê, pê, kê, tê) e nas demais, fricativas, etc., se antepunha (ef, el, em, en, er, es).

C

Origina-se do valor de soletração do C palatalizado entre os séculos IV e VI, no latim vulgar, diante de E e de I. Valia antes por um G velar (guê). Tomou depois o valor de K quando com uma alteração na forma passou a ocupar o sétimo lugar no alfabeto, em substituição ao desaparecido S sonoro, inutilizado pelo rotacismo no quarto século antes de Cristo.

A forma, tal como se acha em algumas inscrições gregas do sul da Itália, é a do *gama* do alfabeto calcídico, que vem do fenício *gimel*, em hebraico *gimel*, camelo – ou quadrado, conforme a fonte lingüística adotada. Robinson (SW) consigna o significado de bastão de arremesso para o *gimel*.

O sinal gráfico que se sotopõe ao C inicial de sílaba para lhe dar o mesmo valor fonético do S é a cedilha, originária do castelhano *zedilla*, pequeno Z (pequeno *dzeta*, letra grega), e cujo emprego no português remonta a 1813. Corominas (DCELC) registra a cedilha como um signo de criação espanhola.

D

Do valor de soletração que os romanos davam à quarta letra do seu alfabeto, correspondente à quarta letra do alfabeto calcídico. É o primeiro som do grego *delta*, do fenício *daleth*, em hebraico *daleth*, porta da tenda, formada pelo afastamento de duas cortinas, criando um triângulo para a passagem das pessoas.

No alfabeto calcídico das inscrições do sul da Itália, sua forma já correspondia à atual.

E

Valor de soletração que os romanos davam à quinta letra do seu alfabeto. Vem do *épsilon* grego, que significa pequeno E. A quinta letra do alfabeto fenício era o *hê*, em hebraico *hê*, eis. Indicava uma aspiração fraca e os gregos a aproveitaram para simbolizar a vogal E breve.

Na forma fenícia os três traços horizontais paralelos eram iguais e do lado esquerdo.

F

Esta letra tomou sua forma do *digama* do alfabeto calcídico. O *digama*

se perdeu e deixou um lugar vago que passou a ser ocupado por um som latino, o de F, que os gregos não possuíam. O *fī* era um P aspirado e não um F.

G

Seu nome provém do valor de soletração do G palatalizado diante de E e de I (séc. IV a VI no latim vulgar). Antes, valia sempre por um G velar, como ainda hoje antes de A, O e U. Sua forma foi tirada da do C, com pequena alteração, no tempo do censor Apius Claudius Caecus. O nome primitivo do G velar também se origina do grego *gamma*.

O sétimo lugar era ocupado pelo *dzeta*, letra que representava o som do S intervocálico sonoro, desaparecido quando no século IV antes de Cristo se deu o fenômeno fonético do rotacismo (*honosis > honoris*).

H

O H era no alfabeto latino um símbolo de aspiração. Seu nome era *ah*, com H aspirado, e vem do fenício *heth*, em hebraico *heth*, cerca (ê). Valia por uma aspiração forte no fenício e no grego antigo representou o E longo (eta) no alfabeto jônico, mantendo-se como aspiração no calcídico e passando assim ao latim. Esta aspiração desapareceu na época pré-imperial. Catulo ridicularizou num epigrama um pedante que tinha a mania de aspirar. Escrevia-se contudo, e seu valor seria meramente etimológico.

Na baixa época imitava-se artificialmente a aspiração pronunciando-a como um K (cf. *nichil > nihil*), donde a forma *ach*, que é a do catalão, para denominar a letra⁵.

Em algumas partes se pronunciava *hacca*, donde o italiano *acca* e o francês *hache*. O espanhol *hache* vem do francês. Segundo Juan Corominas (*DCELC*), a forma portuguesa “agá” seria outra imitação aproximada da pronúncia aspirada do H.

Nos primeiros tempos da nossa língua deixou de escrever-se. Nos documentos mais antigos vê-se *omem*, *aver*, etc. Mais tarde aparece nos grupos do L e do N palatalizados (LH e NH), tirados do provençal, e no CH, do francês (século XII), até que, na Renascença volta com o valor etimológico: *homem*, *haver*, etc.

A forma é a mesma do alfabeto calcídico.

I

Do valor de soletração que os romanos davam a esta vogal, primeiro som do *iota* grego. Vem do fenício *iod*, em hebraico *iod*, mão, costas da mão.

5 Esta afirmação de Spitzer é contestada por Meyer-Lübke porque deixa inexplicado o A.

A forma é a mesma do alfabeto calcídico, que deu em latim o I, tanto vogal como semiconsoante.

J

Esta letra não existia no alfabeto latino. Representa a consonantização do I semiconsoante do latim vulgar. Na época dos romanos, era usada para indicar o som da vogal I longa, mas sempre como uma grafia alternativa do I, sem valor próprio.

O filósofo e humanista francês Petrus Ramus (1515-1572) sistematizou o uso do J e do I em sua gramática latina (1559), razão pela qual essa letra é chamada ramista.

Seu nome vem do grego *iôta*, através do latim *iota* por via erudita.

K

Esta letra desapareceu do nosso alfabeto, mas ainda tem emprego nas abreviaturas do sistema métrico e na química. Seu nome vem da primeira sílaba do grego *káppa*, do fenício *caf*, em hebraico *caf*, palma da mão – ou palmeira, conforme a fonte lingüística adotada. Já tinha desaparecido do alfabeto latino, conforme vimos, quando o C tomou o som velar surdo (kê), subsistindo em abreviaturas.

A forma é a do alfabeto fenício mas com as duas pernas para o lado direito, já assim no alfabeto calcídico.

L

O nome vem da pronúncia que os romanos lhe davam: *el*. Vem do primeiro som do grego *lâmbda*, do fenício *lamed*, em hebraico *lamed*, agulhão.

A forma é, com pequena alteração (base horizontal e não oblíqua), a do alfabeto fenício, mantida pelo calcídico, ao passo que o jônio usava a de um V invertido.

M

O nome vem da pronúncia que os romanos lhe davam: *em*. Vem do primeiro som do grego *mi*, do fenício *mem*, em hebraico *mem*, água. Sua origem remonta ao hieróglifo egípcio que representava uma coruja.

A forma é, com pequena alteração (igualação das quatro pernas), a do alfabeto fenício, mantida com pequena alteração pelo calcídico. Sugeriria pequenas ondas.

N

O nome vem da pronúncia que os romanos lhe davam: *en*. Vem do pri-

meiro som do grego *ni*, do fenício *nun*, em hebraico *nun*, peixe. O hieróglifo egípcio que lhe deu origem representava uma linha-d'água.

A forma é a do alfabeto calcídico.

O

Do valor de soletração que os romanos davam a esta vogal. No alfabeto fenício era o *aim*, em hebraico *aim*, olho, uma velar de natureza especial. Não havendo este som no alfabeto grego, os gregos aproveitaram o sinal para o breve (ômicron).

A forma é a mesma do alfabeto fenício e do calcídico.

P

Do valor de soletração que os romanos lhe davam. Vem do primeiro som do *pi* grego, do fenício *pê*, em hebraico *pê*, boca. A forma, por incrível que pareça, não é a do *pi* do alfabeto calcídico e sim a do *rô* (P). O arredondado tinha uma abertura que desapareceu.

Q

O nome latino era *ku*, tirado do *copa* grego, alterado. O grego vem do fenício *cof*, em hebraico *cof*, parte posterior da cabeça. Nas línguas semitas, o *cof* significa macaco. O *copa*, que vinha entre o *pi* e o *rô* no alfabeto calcídico desapareceu no jônico, ficando apenas como símbolo do número 90.

Em espanhol o nome é *qu*, e este também era o nome no português antigo. Sua existência em nossa ortografia é criticada há muito tempo:

Fernão de Oliveyra (*GLP*), em 1536: “Verdade é que já Quintiliano deu a entender que essa letra era excessiva porque não faz mais do que pode fazer o C”.

João de Barros (*GLP*), em 1540: “a nós convinha desterrá-la de nossa ortografia e em seu lugar empregar a letra C, pois esta Q tem tão perversa natureza além do mau nome”.

Por eufemismo e analogia, mudou-se o nome para *quê*.

A forma é a do alfabeto fenício, passando a linha reta vertical a ser um traço curvo horizontal, muito longo no primitivo alfabeto latino. Segundo Morais (*DLP*), parece que a língua latina arcaica diferenciava seu emprego, representando a consoante pré-palatal por C, a médio-palatal por K e a pós-palatal por Q.

R

Os romanos chamavam *er*. Vem do som inicial do *rô* grego, do fenício *resh*, em hebraico *rex*, cabeça, arco da cabeça.

Era o R simples, até no começo das palavras. A forma do *rô* foi aproveitada para o P, de modo que houve necessidade de criar outra para o R e se pôs no P um traço diacrítico.

S

Os romanos chamavam *es*. Vem do primeiro som do *sigma* do alfabeto calcídico. O nome grego é onomatopéico, filiado ao verbo assobiar, *sizo*. Nas línguas semitas, a letra *shine* significa dente. As formas do *tsade* e do *xine* fenícios concorreram para dar a do *sigma* e acabaram confundindo-se numa só.

As curvas do nosso S devem ter resultado de alterações feitas pela escrita cursiva.

T

Do valor de soletração que os romanos davam à décima nona letra do seu alfabeto. Vem do primeiro som do *tau* do alfabeto calcídico, do fenício *tau*, em hebraico *tau*, cruz, que servia como marca de propriedade.

O sinal fenício era de fato uma cruz grega. Tirou-se a parte da haste vertical acima da barra horizontal e alongou-se para baixo a haste vertical. Era assim o T do alfabeto calcídico.

U

Do valor de soletração que os romanos davam a esta vogal. Vem do *ípsilon* do alfabeto calcídico, ainda com o valor de U (cf. *porphyra* > *purpura*, *tymbos* > *tumba*, etc.).

A forma latina era V, que não provinha do alfabeto calcídico. Proveniente talvez do alfabeto etrusco, Y sem a haste. Ainda aparece com este valor de U em antigas inscrições. Mais tarde a escrita uncial arredondou o ângulo inferior. A escrita livresca maiúscula latina, usada do IV ao VI século, caracterizava-se pelo arredondamento de várias letras e pela existência de algumas minúsculas.

V

O latim não possuía este som. Quando apareceu no latim vulgar, resultante da consonantização do U semiconsoante (cf. *uinu* > *vinu*), com base neste som deram-lhe um nome analógico com o de bê, cê, dê, etc. O humanista Ramus, já mencionado a propósito do J, ressuscitou o V para representar esta consonantização.

W

Embora nunca tivesse feito parte do alfabeto português, pois só aparece em palavras estrangeiras, o W merece citação porque faz parte de abreviaturas

como as de oeste, watt e tungstênio. O W vem do UU das velhas escritas teutônicas e foi introduzido no inglês (*double u*) pelos escribas franceses e no século XIII substituiu inteiramente a *runa* (cada um dos caracteres, em forma de haste com esgalhos, que compunham a escrita alfabética usada pelos povos germânicos, aproximadamente do séc. III até o séc. XIV) Os anglo-saxões chamavam esta letra de *wen*.

X

No alfabeto calcídico (que não tinha a letra *ksi*) possuía o valor duplo de *ksi*, e a forma passou para o alfabeto latino com este valor. A origem do nome não é muito clara. Devia ter em latim o mesmo nome do *ksi* grego. Deste *ksi* teriam saído o espanhol *equis*, o italiano *iccasse*, *icse* e o francês *iks*.

No espanhol antigo teve valor chiante, que ainda conserva em alguns dialetos como o table. Teria esse valor também no português antigo e daí vem o som chiado inicial. Resta explicar a terminação, talvez proveniente de uma alteração do *ksi* com base neste som chiante.

No alfabeto jônico valia por *qui* e disso resta um vestígio na expressão XPTO, abreviação de CHRISTOS.

Y

Desapareceu do nosso alfabeto, mas ainda aparece no símbolo químico do ítrio e no do itérbio. Vem do *ípsilon* do alfabeto calcídico, conservando essa forma.

Surgiu no alfabeto latino no ano 100 a.C.

Z

Vem do primeiro som do latim *zeta*, do grego *dzeta*, que por sua vez provém do fenício *zayin*, em hebraico *zayin*, espada. Seu nome, do mesmo modo que o do V, formou-se por analogia com bê, cê, dê, etc.

Surgiu depois do ano 100 a. C. A forma é a do alfabeto calcídico.

SEMITIC NAME OF LETTERS	NORTH SEMITIC	SQUARE HEBREW	GREEK NAME OF LETTERS	GREEK	CYRILLIC	ROMAN
alef	𐤀	א	alpha	Α	А, Я, А	А
beth	𐤁	ב	beta	Β	В, Б	В
gimel	𐤂	ג	gamma	Γ	Г, Г	С, G
daleth	𐤃	ד	delta	Δ	А	Д
he	𐤄	ה	epsilon	Ε	Е, Э, Э	Е
vav	𐤅	ו	digamma	Ϝ	—	Ф
—	—	ז	upsilon	Υ	У, У	У, U, У, W
zayin	𐤆	ז	zeta	Ζ	З	З
cheth	𐤇	ח	eta	Η	И, Й	Ж
teth	𐤈	ט	theta	Θ	Θ	—
yod	𐤉	י	iota	Ι	І, Ј	І, Ј
kaf	𐤊	כ	kappa	Κ	К	К
lamed	𐤋	ל	lambda	Λ	Л, Љ	Л
mem	𐤌	מ	mu	Μ	М	М
nun	𐤍	נ	nu	Ν	Н, Њ	Н
samekh	𐤎	ס	xi	Ξ	—	—
ayin	𐤏	ע	omicron	Ο	О, Ю	О
pe	𐤐	פ	pi	Π	П	Р
tsade	𐤑	צ	—	—	Ч, Ц, Ч	—
quf	𐤒	ק	koppa	Ϟ	—	Q
resh	𐤓	ר	rho	Ρ	Р	Р
shin	𐤔	ש	sigma	Σ	С, Ш, Ш	С
tau	𐤕	ת	tau	Τ	Т	Т
			phi	Φ	Ф	—
			chi	Χ	Х	Х
			psi	Ψ	Ж, Р	—
			omega	Ω	—	—
					Ъ	—
					Ь	—
					Ѡ	—
					Ѣ	—
					Ѥ	—
					Ѧ	—

ALPHABETIC DEVELOPMENT
Microsoft Table

BIBLIOGRAFIA

- BARROS, João de. *Gramática da Língua Portuguesa*. 3.^a ed., organizada por José Pedro Machado, [s.l.]: [s. n.], 1957.
- BERLITZ, Charles. *As Línguas do Mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- COMPTON'S NEW MEDIA. Compton's Interactiva Encyclopedia 1995. CD-ROM.
- COMRIE, Bernard et alii. *The Atlas of Languages*. New York: Facts On File, 1996.
- COROMINAS, Joan. 4 v. *Diccionario Crítico Etimológico de la Lengua Castellana*. Madrid: Editorial Gredos, 1974.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. 840 p. e suplemento.
- DOBLHOFER, Ernest. *A Maravilhosa História das Línguas*. São Paulo: Ibrasa, 1962.
- DUBOIS, Jean et alii. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo, Cultrix, 1978. 653p.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. vol. II. Lisboa, Livros Horizonte, 1977.
- MICROSOFT CORPORATION. Encarta 96 Encyclopedia. CD-ROM.
- MORAIS SILVA, Antônio de. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Confluência, 1951.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: s/ed., 1955.
- . "Origem das Letras". In: BARBADINHO NETO, Raimundo & LIMA, Joram Pinto de. *Estudos Filológicos – 2.^a série*. v. 2. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 1990. p. 189-198.
- OLIVEIRA, Fernão d'. *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*. In: SILVEIRA, Olmar Guterres da. *A "Grammatica" de Fernão d'Oliveyra*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1954.
- QUINTILIANUS, Marcus Fabius. *Institutio Oratoria*. 4 v. London: Harvard University Press, 1996, 1995, 1986, 1993. with an English translation by H. E. Butler.
- ROBINSON, Andrew. *The Story of Writing: alphabets, hieroglyphs and pictograms*. New York: Thames and Hudson, 1995.
- STÖRIG, Hans Joachim. *A Aventura das Línguas*. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

TABLE OF Phoenician Alphabet: <http://www.concentric.net/~shaal/tblalpha.htm> - 1998.

VARRO, Marcus Terentius. *De Lingua Latina*. 2 v. London: Harvard University Press, 1993. with an English translation by R. G. Kent.
